

Brasília: sonho e realidade

Ana Maria Schiavinato

Quase meio século é um bom tempo para se refletir sobre o passado, que não está tão distante ainda, mas já tem perspectiva histórica. Então, pensar em por que Brasília – a capital da esperança – foi e é uma cidade onde a criminalidade tem forte intensidade pode ajudar a ter-se pela frente um novo meio século mais tranquilo.

Pesquisa que está sendo realizada no Centro Universitário do Distrito Federal (UnidF) aponta que dois pontos são fundamentais para a compreensão do fenômeno criminalidade no Distrito Federal: a segregação social dissimulada e a crença de que pessoas são "descartáveis".

O primeiro ponto tem sua origem na forma como se utilizou para atrair trabalhadores para o Planalto Central, o mito do eldorado; e a segunda, na suposição de que milhares de pessoas voltariam a seus Estados de origem após perderem a utilidade na construção da capital.

Dar aos candangos salários mais altos que nos Estados da Federação e submetê-los a uma vida de restrições (alojamentos coletivos, ausência de privacidade, má alimentação, falta de lazer) e solidão (eles não podiam trazer suas famílias) foram causas que levaram muitos deles à prática da violência contumaz (iniciando por pequenos furtos e, não raro, chegando ao homicídio) e também ao alcoolismo.

Os bons salários acabaram por permitir-lhes trazer suas famílias e alojarem-nas em invasões, na periferia da capital. Dessa forma, não estavam mais sozinhos. Porém, jamais fariam o que desejavam os "executores da meta síntese": voltar para suas origens.

Errando desde o princípio da construção da capital até o fim, os planejadores não foram capazes de conter a tempo, e de forma acertada, a primeira leva migratória. Tampouco tiveram a capacidade de tratar adequadamente esses brasileiros, que também sonharam com uma vida digna na capital da República e, com isso, produziram favelas miseráveis, onde as pessoas enfrentavam condições subumanas de vida e gestavam uma nova onda de criminalidade.

Se, durante a construção, pequenos delitos atingiam apenas a classe pobre, crimes esses que às vezes iam até o homicídio; após a inauguração da capital, a criminalidade democratiza-se e atinge também as classes média e alta, porque essa criminalidade, gerada nas invasões, toma conta da sociedade como um todo, fazendo vítimas e agentes em todas as classes sociais.

A nova forma de delinquir, aquela que visava suprir as necessidades mais imediatas que a falta de empregos, após a inauguração, suscitava.

Um erro de concepção de seus planejadores (a volta dos candangos aos seus Estados de origem) condenou Brasília a conviver com a violência. Após quase meio século, espera-se que os novos encarregados de planejar as políticas públicas para conduzir a vida no Distrito Federal acertem em suas decisões e que isso resulte em tranquilidade para a sociedade.

Espera-se também que eles olhem para os problemas que há quase cinquenta anos castigam a cidade, sem aparentes solução ou alívio: moradia, transporte público e educação. Mas, acima de tudo que os novos encarregados de planejar as políticas públicas compreendam que o ser humano precisa, além do básico para sobreviver, de alguma forma de reconhecimento entre seus pares de sua identidade, de sua cultura e costumes. Que pretenda ser um indivíduo e não apenas um número, ou seja, que seu destino não seja decidido a sua revelia, mas pelo contrário, que ele o escolha e receba a ajuda necessária para realizar seus projetos, até poder caminhar sozinho.